

ECONOMIA //

REMUNERAÇÕES P.28

Soldadores com melhor salário que engenheiros

- **Desemprego** entre licenciados desvaloriza salários
- **Falta de operários** qualificados leva a pagar mais

SOLDADORES COM SALÁRIO MAIS ALTO QUE ENGENHREIROS

Ilídia Pinto*
ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

Serralheiros, canalizadores e torneiros mecânicos podem conseguir ordenados mais altos do que arquitetos ou engenheiros. Basta visitar o portal do IIEFP e consultar as três mil ofertas de emprego.

Da consulta ao 'nemprego' verificará que um torneiro mecânico, em Alcobaca, um serralheiro mecânico, em Pombal, ou um montador de tubagens, em Valença, tem um salário proposto de 800 euros; enquanto a um engenheiro mecânico, em Lousada, são oferecidos 600 euros. E tem de saber três línguas: inglês, francês e espanhol.

Diferenças salariais "frustrantes" para jovens licenciados e à procura de emprego. "Não é por ver os outros a ganhar mais. São trabalhadores técnicos qualificados, devem ser remunerados por isso. Queremos é que nós que estudamos e que também temos as nossas qualificações, tenhamos direito ao emprego e sejamos remunerados de forma justa", afirma Ana Rajado, do Movimento Sem Emprego.

Mas voltamos às ofertas. Na maioria dos casos, prevalece o salário mínimo ou valores próximos. Mas há quem ofe-



Felgueiras: não falta emprego na área do calçado

Felgueiras é dos poucos concelhos onde o desemprego está a diminuir - o número de pessoas inscritas caiu 1,72% nos últimos seis meses. Explicação: o concelho é o maior produtor nacional de calçado, cujas exportações têm aumentado significativamente nos últimos anos.

Paços de Ferreira e Paredes: mobiliário em queda

Concelhos líderes na produção de mobiliário, registaram as maiores subidas no número de desempregados na região do Tâmega e Sousa: 22331 pessoas sem trabalho nos dois municípios, mais 15,7%. Explicação: muitas empresas de mobiliário a fechar, uma vez que as exportações não compensam queda das vendas no mercado interno.

DESEMPREGO

645

mil desempregados inscritos no IIEFP

EMPREGO

8

mil ofertas de emprego no IIEFP

reça 750 euros por um electricista em Coruche, exigido, apenas, o 4.º ano de escolaridade. Um operário do fabrico de rolhas ou um canalizador, em Santa Maria da Feira, poderão receber 700 euros. O mesmo que é oferecido a engenheiros civis, em Faro e Lisboa, mas que têm de falar inglês fluentemente.

Os salários mais altos são propostos a um mecânico de máquinas, em Alvalade, e a um lugar permanente para uma interprete de alemão e inglês, em Lisboa. Ao mecânico é exigido o 9.º ano e oferecidos 1500 euros mensais, à interprete propõem-se pagar dois mil euros, mas tem de ter conhecimentos de finanças, banca e seguros.

Tal como Arménio Carlos, secretário-geral da CGTP (ver entrevista), também Ana Rajado considera que a formação "é essencial" e que o desemprego resulta de opções políticas. "Permite criar um exército de reserva que serve de pressão sobre os trabalhadores no ativo, que aceitam trabalhar com salários mais baixos", considera.

"O desemprego devia ser uma situação transitória e não estrutural, como está a acontecer. Tenho 34 anos, estou no pico da idade ativa, e estou a depender dos meus pais porque já tive subsídio de desemprego, mas já não tenho. É humilhante", lamenta.

* Com LUSA

FLASH

Modelo assente em baixos salários

Arménio Carlos
Líder da CGTP

Os salários oferecidos a serralheiros e torneiros mecânicos são mais elevados do que aos engenheiros e arquitetos. É normal?

Isso deve-se à tentativa de aprofundamento de um modelo social e laboral assente em baixos salários, na desqualificação e na precariedade. Mas deve-se, também, às lacunas e deficiências que há em obter profissionais altamente qualificados ao nível da electricidade, da eletrónica e da serralharia mecânica, porque, nos últimos 20 anos, se menosprezou essas profissões em favor dos serviços.

É preciso mudar as mentalidades?

É preciso é mudar a conceção de desenvolvimento do país, valorizando o setor produtivo e as profissões, os trabalhadores e as suas carreiras. Assiste-se a um definhamento do setor produtivo. Se a situação persistir, vamos ter mais falências, mais desemprego, mais desigualdade e mais pobreza.

Tem o curso industrial. Deveria haver uma nova aposta nas escolas comerciais e industriais?

Desde que não seja uma imposição... Todos, sem exceção, devem ter acesso ao ensino superior, e não haver uma linha de estigmatização, como antes do 25 de Abril, em que uns poucos iam para a universidade e todos os outros eram remetidos para os estudos comerciais ou industrial.

ILÍDIA PINTO

